

## COMUNIDADE CAVERNA DE ADULÃO: ROCK COMO FATOR DE SOCIALIZAÇÃO\*



Flávio Lages Rodrigues\*\*

**Resumo:** *o artigo apresenta a Comunidade Caverna de Adulão, na qual novas práticas religiosas e espiritualidades alternativas são possíveis na pós-modernidade. O rock foi o principal elemento socializador na gênese da comunidade, esse era utilizado pelas tribos urbanas headbangers no meio secular como produção artística juvenil e obteve uma nova leitura no âmbito religioso ao ser utilizado pelos pastores e jovens da comunidade. A metodologia para esse trabalho é constituída por análise da referência bibliográfica da obra de Michel Maffesoli em diálogo com outros teóricos. Esse teórico nos possibilitou entender como ocorrem os relacionamentos nas mais diversas áreas com o sentimento de pertencimento, estar juntos, partilha das mesmas emoções e gostos, e também pela sociabilidade eletiva.*

**Palavras-chave:** Música Rock. Práticas Religiosas. Juventude. Espiritualidades Alternativas. Religião e Cultura.

Notamos que com o crescimento das grandes cidades, várias transformações ocorreram em todas as áreas da vida e no aspecto religioso não foi diferente. A Comunidade Caverna de Adulão<sup>1</sup> em Belo Horizonte, aponta para essas mudanças na pós-modernidade. No início, não havia a ideia em constituir uma comunidade para pessoas adeptas da cultura alternativa e *underground headbanger*<sup>2</sup> com a música *rock*. Os pastores, Fábio de Carvalho e Eduardo Lucas, trabalharam com o evangelismo, junto aos jovens e adolescentes durante muito tempo e somente em 1992, começaram a Comunidade Caverna de Adulão. O *rock*, era o único elemento socializador e nessa mesma época, a cidade de Belo Ho-

\* Recebido em: 23.07.2019. Aprovado em: 29.10.2019.

\*\* Doutorando e Mestre em Ciências da Religião (PUC Minas). Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura/CNPq desde 2015. Graduado em Bacharel em Teologia e especialista em Teologia Sistemática (Faculdade Teológica de Belo Horizonte - FATE-BH). E-mail: flavioposttrevor@yahoo.com.br

rizonte foi considerada a capital do *rock*. As tribos urbanas *headbangers*, estavam espalhadas por toda cidade e os jovens utilizam os mais diversos espaços públicos para interação juvenil. Ao perceber a necessidade desses jovens, e evangeliza-los em linguagem e contextos próprios, os pastores da comunidade perceberam tanto o percurso, quanto a forma de interação, que esses jovens mantinham com os lugares públicos em suas socializações.

O que veremos nesse artigo, delineará os aspectos da construção sociológica dos jovens roqueiros da Caverna de Adulão, que no princípio, se apropriaram do *rock* como elemento cultural, para expressar de forma contextualizada às *novas* práticas religiosas e espiritualidades alternativas, que eclodem e se mostram cada vez mais presentes nas grandes metrópoles. Ampliando assim, as possibilidades para os indivíduos fazerem seu próprio percurso e escolha, inclusive no âmbito religioso.

Dessa forma, a religião como um dos elementos que são disponibilizados na cultura, incorpora também aspectos da cultura juvenil atual, para comunicar-se com a geração emergente. A música *rock* como produção artística contemporânea, atualmente pode ser utilizada como manifestação na cultura e também na religião.

#### IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DA ADESÃO DOS JOVENS NA COMUNIDADE

Para falar da identificação e descrição da adesão dos jovens na Comunidade Caverna de Adulão é necessário entender, que a religião e a música *rock*, são construções culturais. Essas construções, revelam um complexo padrão de comportamento com crenças, manifestações artísticas, intelectuais, leis, costumes e hábitos, que são adquiridos pelo ser humano, como membro de uma sociedade e de uma cultura. Nesse aspecto, os jovens edificam seus próprios sistemas ideológicos e estéticos, que os ajuda a expressar sua visão de mundo, tanto individual, quanto na tribo urbana a que os mesmos aderem. A identificação da adesão desses jovens à comunidade, pode estar atrelada ao *rock* como estilo musical e à sua ligação com as práticas religiosas. Como desenvolvido e trabalhado anteriormente<sup>3</sup>.

*As tribos urbanas - e, neste caso mais específico, os roqueiros - têm toda uma maneira característica peculiar cultural: os cabelos longos, as tatuagens, os piercing's, as roupas pretas e camisas de bandas de rock, assim como a maneira diferente de falar, usando gírias e jargões que só quem está encarnado na tribo consegue entender. Precisam ouvir o Evangelho de forma contextualizada. A Mensagem deve ser transmitida de forma que eles, em sua maneira de viver, pensar e sentir, consigam entendê-la (RODRIGUES, 2006, p. 65).*

Na pós-modernidade, tanto o pensamento, quanto a práxis humana, sofrem grandes transformações. Parecem negados os antigos modelos, que sustentaram a exis-

tência humana durante séculos. “Não há ‘verdade’, apenas verdades. Não existe a razão suprema, somente há razões. Não há uma civilização privilegiada (nem cultura, crença, norma e estilo), há somente uma multidão de culturas, de crenças, de normas e estilos” (MCGRATH *apud* SALINAS, 1999, p. 25).

Essas transformações da pós-modernidade, trouxeram uma diversidade de possibilidades em todas as áreas da vida humana. No âmbito das práticas religiosas, também ocorreram aberturas e apropriações de elementos da cultura, que até poucas décadas atrás, não eram aceitos. Suspeitamos que o *rock* seja fruto dessas transformações da pós-modernidade, como expressão em outras linguagens juvenis e até mesmo para expressar o fenômeno religioso de uma forma mais livre e assim, na cultura popular.

As expressões verbais e não verbais, como observamos com o *rock*, podem fomentar a socialização, com a ligação entre as pessoas, grupos e tribos. A comunicação é a base para constituição de laços, pertencças, afetos e solidariedade dos grupos humanos. Para Maffesoli (2010, p. 139), a comunicação tem o poder de ligar os indivíduos às mais variadas redes sociais: “Sem nos pronunciarmos sobre o conteúdo dessa tendência, podemos considerar que a comunicação, ao mesmo tempo, verbal e não verbal, constitui uma vasta rede que liga os indivíduos entre si.” Aqui, podemos ver que a linguagem ou mesmo a comunicação nas suas mais variadas formas, expressam a experiência interna do grupo, reforçam os limites da comunidade e ajudam em sua construção social. O que percebemos nessa construção social da Comunidade Caverna de Adu-lão, foi que ela se constitui a princípio, com os jovens que não se enquadravam nos modelos de igrejas tradicionais e se refugiavam nessa comunidade, para expressar sua prática religiosa na própria linguagem da cultura juvenil. Essa abertura das práticas religiosas, em nossos dias, torna-se mais ampla, com os jovens e adolescentes, que gostam de *rock* pesado e que são adeptos das tribos urbanas *headbangers* poderem expressar sua espiritualidade em linguagem e contexto próprio.

Desse modo, os jovens podem estabelecer suas construções culturais, com as práticas juvenis e seus costumes peculiares de forma autônoma e livre. Assim, o *rock*, como outros estilos musicais, e toda a produção musical, estética, visual e também as demarcações dos corpos, com marcas e acessórios, que as tribos urbanas *headbangers* produzem. Há algumas décadas atrás, poderiam gerar um certo estranhamento ou preconceito, por parte de líderes religiosos e de suas respectivas comunidades, agora acabam sendo incorporados com mais naturalidade, como prática religiosa desses jovens.

Há um grande esforço por parte de teólogos como Paul Tillich e H. Richard Niebuhr, que trabalharam a Teologia da Cultura<sup>4</sup>, de líderes religiosos e dos fiéis em entender e utilizar os elementos que são constituídos e construídos na cultura. Diante da abertura e da apropriação de elementos da cultura, igrejas e comunidades, são desafiadas a acolher, e proporcionar a esses jovens, práticas religiosas que façam sentido e que estejam ligadas a todas as áreas de suas vidas. Essas práticas religiosas, conectadas à cultura e à vida cotidiana juvenil, foram cap-

tadas pelos pastores da Comunidade Caverna de Adulão, antes mesmo de sua criação. Desse modo, os jovens não mudam seus padrões culturais, mas a instituição religiosa é quem muda, e se molda às suas necessidades e a cultura juvenil. Partimos do princípio de que “é a partir da vida cotidiana que ocorre a reflexão do contexto dos jovens e adolescentes presentes nas tribos urbanas e na cena alternativa e *underground*”<sup>5</sup> (RODRIGUES, 2007, p. 155). Dessa forma, os pastores que iniciaram o evangelismo pelas ruas e praças da cidade, entenderam que as igrejas *tradicionais* não conseguiam se comunicar com os jovens das tribos *headbangers*, que estavam espalhadas pela capital mineira. Eles também observaram, que os jovens, ao se apropriarem das praças, parques e outros lugares públicos, o faziam não só pela falta de dinheiro para o lazer, mas principalmente, pelo prazer de estar juntos e realizar as mesmas práticas da tribo. Assim, a comunidade consegue dar uma *nova* significação as práticas religiosas, quando realiza seu trabalho com os roqueiros, que estão nas tribos urbanas. Nos estudos anteriores que realizamos sobre este tema, percebemos que muitos jovens têm contato com o Evangelho através do *rock*.

*Muitos são os jovens alcançados por meio da Palavra cantada na música rock, e isso ocorre com bandas, igrejas e comunidades que desenvolvem eventos, tanto em templos como em ruas, praças, vilas e aglomerados, com o objetivo de evangelizar os jovens e adolescentes, usando tal estilo contemporâneo como atrativo* (RODRIGUES, 2007, p. 155).

No início da comunidade, a socialidade das tribos urbanas *headbangers*, ocorria de forma *underground*. Havia a desconfiança de outras igrejas evangélicas, por não aceitar esses jovens adeptos do *rock* em seus templos. Embora as práticas religiosas sejam em muito parecidas com outras igrejas e comunidades evangélicas tradicionais, podemos ver ali, a socialização e a aceitação de grupos, que muitas vezes são marginalizados no contexto religioso e também na sociedade. Essa socialidade, ocorre de forma mais profunda, pois, esses jovens roqueiros ligados à tribo urbana *headbanger*, podem expressar sua espiritualidade na sua própria linguagem e cosmovisão. Os laços sociais ultrapassam as formas instituídas e se criam e recriam nos encontros. Para Maffesoli, as elaborações do divino são sociais. Elas se potencializam e se dinamizam na partilha, nas situações de vida mais corriqueiras, ou seja, ocorrem no encontro com o outro.

*Entretanto, é bom lembrar que o divino é oriundo das realidades quotidianas, que ele se elabora, pouco a pouco, na partilha dos gestos simples e rotineiros. É nesse sentido que o habitus ou o costume servem para concretizar, para atualizar a dimensão ética de toda a sociedade* (MAFFESOLI, 2010, p. 61).

Não somente o hábito fomenta a dimensão ética da sociedade, mas também a ajuda mútua, que se fundamenta na proximidade, no contato, no simples momento de estar juntos, no partilhar das mesmas ideias e atitudes. “Podemos, então, dizer que a ética é, de certa forma, o cimento que fará com que diversos elementos de um conjunto dado formem um todo” (MAFFESOLI, 2010, p. 53).

Verificamos que a socialização nas tribos *headbangers*, estrutura-se com o *rock*, que é produzido e consumido pelos jovens na sociabilidade do grupo. Esses jovens, que muitas vezes estão à margem de seus direitos na sociedade, utilizam esse estilo musical, não apenas como uma função de entretenimento, mas como instrumento de denúncia e reivindicação de seus direitos básicos. Esses jovens que gostam de *rock* e que pertencem as tribos *headbangers*, podem ser atraídos à Comunidade Caverna de Adulão, pela proximidade e aceitação de expressões culturais em linguagem própria nas práticas religiosas.

*O rock é social, por princípio. Esse gênero musical surgiu da necessidade de comunicar o que uma geração sentiu, pensou e fez em uma época. Por intermédio da música e da performance, tornou-se fórum de contestações e palco para a expressão das inquietações juvenis* (BRANDINI, 2004, p. 12).

O *rock* como elemento da construção social juvenil, surgiu como expressão de rebeldia e contestação, para os jovens da década de 1950, e ainda hoje, este estilo musical com sua ideologia, postura e atitude, serve como porta voz dos anseios dos jovens em várias partes do mundo ocidental. Outro fator importante, ocorre pela nova maneira do membro, tanto da tribo, quanto de uma igreja ou comunidade religiosa, poder escolher de forma eletiva, a que tribo ou círculo religioso pertencer na pós-modernidade. A dimensão social e a possibilidade das relações interpessoais é o que passa a dar sentido à vida em comunidade. “Mais do que a pureza da doutrina, é o viver e o sobreviver juntos que preocupa as comunidades de base” (MAFFESOLI, 2010, p. 109).

Percebemos que as mais variadas experiências humanas, contribuem para a construção dos laços sociais. Para Maffesoli, a religião é um fator importante na construção do laço social, pois ela aglutina as pessoas em torno do mesmo pensamento e sentimento. Ainda de acordo com o sociólogo, a religião é fundamental para a sociabilidade, pois “a religião, aqui, é aquilo que liga. E ela liga porque existe o ombro a ombro, porque há a proximidade física” (MAFFESOLI, 2010, p. 74). A Comunidade Caverna de Adulão, consegue perceber essa solidariedade, quando utiliza o *rock*, como elemento de construção e manifestação dos jovens na sua prática religiosa.

Os agrupamentos sociais e religiosos, como no caso da Comunidade Caverna de Adulão, ultrapassam as fronteiras das tradições e das instituições sociais, para mergulhar na dimensão comunitária. “O *ethos* comunitário designado pelo primeiro conjunto de expressões remete a uma subjetividade comum, a uma

paixão partilhada, enquanto tudo o que diz respeito à sociedade é essencialmente racional” (MAFFESOLI, 2010, p. 110).

Essa subjetividade comum, para Brandini, pode ser observada com o *rock*, pois, ele tem esse poder de ser partilhado, por onde passa, se amolda a cada cultura juvenil específica, deixando de ser um produto Norte Americano ou Inglês. “O rock não é mais anglo-saxão, mas é juvenil e internacional e seu centro de referência extrapola as fronteiras geográficas e culturais originais. O rock tornou-se patrimônio cultural da juventude mundial” (BRANDINI, 2004, p. 94). Suspeitamos que tanto o *rock*, quanto a religião, possam adaptar-se às mais diversas culturas as quais são inseridos, o que pode proporcionar aos jovens, a possibilidade em utilizar suas construções culturais em ambos os casos. Para Durkheim, a religião tem o poder de unir todos os membros do grupo em coletividade.

*Os indivíduos que a compõem se sentem ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. Uma sociedade cujos membros estão unidos pelo fato de conceber, da mesma maneira, o mundo sagrado e suas relações com o mundo profano, e de traduzir essa concepção comum em práticas idênticas é o que se chama de igreja (DURKHEIM, 1989, p. 75-76).*

Portanto, a adesão dos jovens à Comunidade Caverna de Adulão pode estar atrelada a pontos comuns e às práticas idênticas dos jovens. Nesta comunidade, a religião e o *rock*, possibilitam a socialização com o culto de forma contextualizada e livre aos seus participantes. O que poderia ser uma manifestação religiosa nos moldes tradicionais das igrejas evangélicas e protestantes, aqui ocorre com a música *rock* e as mais variadas tribos urbanas que se juntam para expressar sua espiritualidade de forma alternativa. O que abre possibilidades para novas práticas religiosas e cultos em nossos dias, que se manifestam de maneiras diferentes ao se apropriarem de elementos culturais em suas práticas, que antes não eram utilizados.

#### APROPRIAÇÃO DE ELEMENTOS CULTURAIS PARA UMA PRÁTICA RELIGIOSA CONTEXTUALIZADA

Nota-se que não há como desenvolver uma prática religiosa, sem se observar e se apropriar dos elementos culturais, do contexto de vida e cotidiano humano. Essa prática, só pode ser fértil, quando não está desligada do contexto cultural e assim, da construção humana. Sua plenitude e grandeza, ocorrem quando as práticas religiosas e as construções culturais, estão em permanentes trocas. Essas trocas, apontam para uma religião, que faz parte da cultura e que se apresenta como orgânica. Ela está em constante transformação. Na perspectiva do ser humano como construtor cultural, Damatta, sinaliza para a riqueza que as celebrações ou “festas” proporcionam nas relações sociais do povo brasileiro.

*As festas permitem descobrir oscilações entre uma visão alegre e uma leitura soturna da vida. [...] Todas as festas – ou ocasiões extraordinárias – recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais. Nelas, aquilo que passa despercebido, ou nem mesmo é visto como algo maravilhoso ou digno de reflexão, estudo ou desprezo no cotidiano, é ressaltado e realçado, alcançando um plano distinto (DAMATTA, 1986, p. 69).*

Ainda conforme Damatta (1986, p.69-70), essas festas mostram dois tipos de expressão cultural, com as “festas da ordem” e as “festas da desordem”:

*Mas posso distinguir, e assim devo proceder, as festas da ordem daquelas que promovem a “desordem” ou a orgia, que fica no limite do crime e da revolta. Sustento que, no caso brasileiro, todas as solenidades permitem ligar a casa, a rua e outro mundo. Só que cada uma delas faz essa ligação de modo específico e a partir de posições diferentes. O carnaval liga casa, rua e outro mundo querendo e propondo a abertura de todas as portas e de todas as muralhas e paredes. Os ritos cívicos e religiosos – as festas da ordem por excelência – fazem o mesmo, mas suas propostas são diferentes. De fato, nos carnavais e orgias, o propósito básico parece ser o de igualar e juntar. Seu objetivo é abolir todas as diferenças [...]. Mas no caso das festas da ordem, ou seja, das formalidades sociais em que se celebram as relações sociais tal como elas operam no mundo diário, as diferenças são mantidas.*

Neste aspecto, mesmo dentro de uma mesma cultura, como no caso da brasileira, podemos ver uma tensão entre as duas culturas no âmbito religioso. Por um lado, uma mantém as diferenças com seus rituais e cerimônias, e podemos chamá-la de *feira sagrada*. Por outro lado, a outra tenta quebrar as diferenças com suas festividades e alegria, podemos chamá-la de *feira profana*.

Maffesoli (2010, p. 01) sinaliza para duas culturas dentro de uma mesma cultura. De um lado, ele mostrou os “proprietários da sociedade” como “poder instituído” e que têm o poder de decisão e mudança. Por outro lado, ele mostra a “potência instituinte”, que fica à margem da tomada de decisões e assim do poder. Para Maffesoli, há uma tensão dentro da cultura no que se refere às manifestações culturais. O que não é aceito pelo poder instituído, pode ser sufocado como foi com o *rock* e as tribos urbanas *headbanger* décadas passadas. Percebemos um paralelo entre Damatta e Maffesoli, no que se refere ao pensamento de duas culturas dentro da cultura geral. Ambos, descrevem dentro da cultura um grupo dominante, que centraliza o poder, e outro grupo que é dominado e não tem o poder de tomar as decisões estratégicas.

O que percebemos com as práticas religiosas abertas para outras possibilidades é uma quebra do domínio cultural de um grupo na sociedade. Ao utilizar elementos

da cultura como o *rock* em suas manifestações religiosas, há mais que apenas uma abertura para outras manifestações culturais. Neste caso é a religião que se amolda às necessidades de seus fiéis. Dessa forma, a religião como uma parte do grande mosaico cultural na atualidade, pode possibilitar manifestações religiosas, que absorvam elementos culturais com novos sentidos e significados.

Essa pluralidade de manifestações sociais nas mais diversas áreas da vida, para Maffesoli são fomentadas pelo tribalismo pós-moderno.

*O cotidiano e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas pelo hedonismo de Dionísio, a importância do corpo em espetáculo e do gozo contemplativo, a revivescência do nomadismo contemporâneo, eis tudo que acompanha o tribalismo pós-moderno* (MAFFESOLI, 2010, p. 03).

O tribalismo pós-moderno, com o arcaísmo<sup>6</sup>, volta à fonte, às bases e ao primitivo, ao mesmo tempo passa pela vitalidade da vida. Podemos observar aqui, uma correlação do arcaísmo com o nome Caverna de Adulão, que dá origem à comunidade em Belo Horizonte. A menção à caverna de Adulão encontra-se no livro de 1 Samuel 22, 1-2. Este texto bíblico mostra que Davi saiu em fuga para a caverna de Adulão, fugindo do rei Saul. Cerca de 400 homens, que estavam marginalizados e oprimidos, se juntaram a Davi, que se tornou líder deles. Tanto no contexto bíblico do Antigo Testamento, quanto na Comunidade Caverna de Adulão hoje, o que se observa é que ambos são lugar de refúgio, refrigério, cura e aceitação das diferenças.

Muitas pessoas que não se encaixam nos padrões das igrejas evangélicas tradicionais, acabam vendo na Caverna um lugar de encontro, de pertencimento com os iguais e de afeto. A contracultura<sup>7</sup> se estabelece ali com a socialização, que vai na contramão de muitas igrejas cristãs e também da sociedade atual. Assim, do mesmo modo que Davi partilhava das mesmas emoções e sentimentos com os que foram com ele para a caverna de Adulão, hoje verificamos no tribalismo, com as mais variadas tribos urbanas espalhadas pelas cidades, que se socializam e solidarizam com os mesmos gostos, afetos e rituais.

As manifestações das tribos urbanas, fundamentam-se nos rituais, e estes só estabelecem os seus fundamentos na repetição das práticas culturais dos grupos ou tribos. Vale ressaltar, que Maffesoli utilizou o conceito tribo na década de 1980, de forma metafórica e para mostrar as transformações do vínculo social. “Em uma época em que isso não era moda, propus a metáfora da ‘tribo’ para observar a metamorfose do vínculo social” (MAFFESOLI, 2010, p. 04).

As mudanças no vínculo social pós-moderno, de acordo com Maffesoli, ocorrem com duas raízes essenciais. “De um lado, o que salienta os aspectos ao mesmo tempo ‘arcaicos’ e juvenis do tribalismo. De outro, o que salienta sua dimensão comunitária e a saturação do conceito de Indivíduo. Eis, parece-me, as duas raízes do tribalismo pós-moderno” (MAFFESOLI, 2010, p. 05).



Essas duas raízes do tribalismo pós-moderno, apontam para construções que são orgânicas e vivas. As leituras, releituras, novas significações e o retorno ao “arcaísmo”, realizado pelos jovens, que estão inseridos nas tribos, além de mostrar uma ruptura e o inconformismo com os padrões estabelecidos, aponta para a riqueza da “dimensão comunitária”, que ocorre no encontro com o outro, com o diferente, e quebra o domínio do “individual” e do privado.

*Esta é a lição do “arcaísmo” pós-moderno: torna-se a representar, em todos os domínios, a paixão comunitária. Podemos nos defender dela, ofender-nos com ela, negá-la, proteger-nos dela, pouco importa; a tendência que nos empurra em direção ao outro, que nos incita a imitá-lo, está presente* (MAFFESOLI, 2010, p. 15).

O arcaísmo pós-moderno com seu retorno às fontes, aos fundamentos, à gênese que estrutura e forma o pensamento, cimenta-se com a “paixão comunitária”. Os grupos que se amalgamam com os mesmos ideais, formam as tribos urbanas, que criam e recriam suas práticas culturais, na socialidade e na alteridade.

Dessa forma, a força das tribos urbanas, ocorre pela socialização com o que Maffesoli descreve como “arcaico”, justamente no posicionamento contracultural, diante da sociedade e da cultura de massas. O retorno ao arcaico, a busca pelas fontes e pelas bases, e não aceitação dos fatos como são apresentados é o que traduzia o espírito juvenil do mundo ocidental. O nascimento do *rock* nas décadas de 1940 e 1950, com os negros nos campos de algodão, bem como as grandes transformações, que foram acontecendo em torno da música *rock*, mostram como essa massa juvenil, denominada posteriormente como tribo urbana, sempre foi contestadora e rebelde a qualquer tipo de imposição. “Nesse sentido, antes de ser político, econômico ou social, *o tribalismo é um fenômeno cultural*” (MAFFESOLI, 2010, p. 06).

Percebemos, que ao possibilitar a incorporação de aspectos da cultura juvenil com as tribos urbanas *headbangers* e com a utilização da música *rock*, a Comunidade Caverna de Adulão, mostra na prática, que esses jovens são aceitos na comunidade do jeito que são e com sua cultura própria. A aceitação desses jovens e ainda o incentivo à formação de bandas de *rock* pesado, bem como a apresentações dessas bandas dentro da comunidade, sinaliza para uma empatia, que estava além das praticadas pelas igrejas evangélicas *tradicionais* daquela época. Tanto com o ritual e suas repetições, quanto com o culto, os jovens podem expressar sua religiosidade e tornar os laços internos mais fortes na tribo.

Percebemos que o rito é uma construção humana. Conforme Durkheim: “os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas” (DURKHEIM, 1989, p. 72). O que vemos neste caso é que os ritos normatizam o comportamento ético, moral e social dos seres humanos, diante das coisas sagradas.

Na visão de Durkheim, uma religião pode diversificar ao utilizar elementos da cultura no qual está sendo inserida. Ela se apresenta como um todo, mas é formada por partes diferentes, com cada indivíduo, suas experiências e subjetividades.

*[...] uma religião não se fixa necessariamente em única e mesma ideia, não se reduz a princípio único que, mesmo diversificando-se conforme as circunstâncias às quais se aplica, seria, no fundo, sempre idêntico a si mesmo: trata-se de um todo formado de partes distintas e relativamente individualizadas (DURKHEIM, 1989, p. 72-73).*

O cristianismo pode exemplificar a religião que se amolda às circunstâncias e culturas diversas por onde passa, em que o todo é formado por partes diferentes. Onde o cristianismo foi introduzido, ele utilizou os elementos da cultura para se expressar e se fazer inteligível aos receptores da mensagem, a começar pela língua como elemento cultural. Neste caso, o trabalho desenvolvido pela Comunidade Caverna de Adulão, com os jovens se apresenta também como “um todo formado de partes distintas”, como demonstrado por Durkheim acima, e pode ocorrer justamente na apresentação do mesmo Evangelho aos jovens, mas com uma outra linguagem, a do *rock*.

Percebemos que as práticas religiosas na comunidade, atualmente se estabelecem com a sociabilidade entre pessoas de várias idades. Essa formação heterogênea, mostra a diversidade da religião como um grande mosaico, onde as partes, representadas por cada indivíduo, compõem esse grande mosaico e estabelecem ali, a socialização entre todos os membros da comunidade.

Para Durkheim, essa diversidade de grupos afins não ocorre pela concordância espontânea e preestabelecida, mas acontece por uma mesma força que impulsiona os indivíduos na mesma direção. “Se todos os corações vibram em uníssono, não é por causa de uma concordância espontânea e preestabelecida; é porque uma mesma força os move no mesmo sentido. Cada um é arrastado pelos outros” (DURKHEIM, 2011, p. 37).

Durkheim, mostra uma vibração dos grupos, que se movem no mesmo sentido e um *contagia* o outro dentro do grupo maior. Maffesoli, observa que o sentimento de pertencimento, o afeto e o estar juntos, apontam simplesmente, para compartilhamento das mesmas emoções e se torna a força que move as tribos urbanas no mesmo sentido. Esse compartilhar das mesmas emoções, gostos e afetos, gera uma concordância, uma força motriz entre os indivíduos nas suas práticas sociais e pode ser observada na Comunidade Caverna de Adulão, nas práticas religiosas desenvolvidas pelos jovens que ali se socializam.

Ainda de acordo com Durkheim (1989, p. 73), a religião é um “todo formado de partes distintas e relativamente individualizadas.” Nesse aspecto, na religião os *diferentes* se socializam por algum ponto em comum, ou seja, algo que possa uni-los como uma “tribo” na metáfora proposta por Maffesoli, o que não desfaz a individualidade de cada parte que compõe o todo. Ao adaptar a

mensagem à necessidade dos jovens, cada membro se vê como uma pequena parte, com seu pequeno relato, que se encaixa e que faz sentido em um relato maior. Ao nosso ver, isso também pode possibilitar ao fiel fazer seu próprio percurso religioso na atualidade, buscando as práticas e bens religiosos, que atendam às suas necessidades.

Percebemos que na manifestação religiosa, as igrejas protestantes podem ser vistas como centro organizacional por serem tradicionais ou históricas, mas há também a manifestação periférica de Ministérios, Igrejas e Comunidades que desenvolvem suas práticas religiosas de forma mais livre e espontânea em nossos dias. Essa espontaneidade, aponta para uma manifestação religiosa, que tem o poder e a liberdade de criar, amoldar e transformar suas práticas religiosas com a adesão de elementos próprios da cultura, como no caso da música *rock*.

Assim, com a grande diversidade cultural na atualidade, a manifestação e as práticas religiosas, propagam-se e desenvolvem-se em situações e lugares, que para muitos líderes religiosos e suas respectivas instituições, seriam impensadas, “[...] e não existe religião por mais unitária que possa ser que não reconheça pluralidade de coisas sagradas” (DURKHEIM, 1989, p. 73). No pensamento de Durkheim, a religião reconhece que o campo das coisas sagradas é muito vasto.

Observamos que não só a religião tem essa amplitude dentro da cultura. Outros elementos culturais, também têm uma produção e consumo muito grande. A música é um exemplo dessa vastidão da produção cultural, que pode variar entre cidades, estados e países. Na utilização do *rock* pesado com a cena alternativa e *underground* cristã, também observamos essa pluralidade e busca de sociabilidade para as coisas sagradas. Essa força de criação dos membros das tribos urbanas *headbanger*, proporciona a sociabilidade, pois, com o fato de produzirem as suas próprias significações, acabam criando uma identidade própria. A comunidade exaure todas as suas forças na criação e recreação dos limites do grupo, com a união da ética comunitária e da solidariedade. Estas acabam desenvolvendo o ritual, que pela sua repetição dão segurança à comunidade.

*A comunidade, por sua vez, esgota sua energia na própria criação (ou, eventualmente, recreação). Isto é o que permite estabelecer um laço entre a ética comunitária e a solidariedade. Um dos aspectos particularmente marcantes dessa ligação é o desenvolvimento do ritual. Como sabemos, este não é, propriamente, teleológico, isto é, orientado para um fim, pelo contrário, ele é repetitivo e, por isso mesmo, dá segurança. Sua única função é reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo* (MAFFESOLI, 2010, p. 47).

Conforme demonstrado por Maffesoli, a criação de uma comunidade, se estabelece também na recreação, ou seja, ela se estrutura pelo simples prazer em fazer algo junto, que gera o convívio social amalgamado do grupo. Verificamos que

o *rock* e a religião, são constituídos no contexto humano. Do mesmo modo, que há uma sociabilidade em torno do *rock*, como estilo musical entre os jovens que estão nas tribos urbanas, há também a sociabilidade na religião. Conforme relata Durkheim: “As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a determinada coletividade que faz a profissão de aderir e de praticar os ritos ligados a elas. Elas não são apenas admitidas a título individual, por todos os membros dessa coletividade; são coisas do grupo e constituem a sua unidade” (DURKHEIM, 1989, p. 75).

Sem a socialização entre as pessoas e os grupos não haverá hábitos, costumes e culturas que pudessem se estabelecer. A religião, as tribos urbanas e qualquer outra forma de sociabilidade, ocorrem pela adesão e pela prática em unidade. A apropriação de elementos culturais, pode ocorrer, pelo fato da aceitação à manifestação dos jovens com o *rock* e as tribos urbanas. Como vimos, a pós-modernidade abre a possibilidade para aceitar a diferença, bem como fomenta a utilização e apropriação de outras formas artísticas e de conhecimento, que acabam sendo incorporados lentamente às práticas religiosas.

Verificamos que o *rock* e a religião por onde passam, transformam-se e amoldam-se aos mais variados contextos culturais. Assim, mostram que podem adaptar-se às culturas e também conseguem absorver muitos dos elementos culturais onde se inserem. Neste caso, podem ocorrer ainda as trocas culturais. Isso acontece pelo indivíduo não viver ilhado e também por estar ligado a uma rede cultural que é muito ampla. “Isso posto, redescobrimos que o indivíduo não pode existir isolado, mas que ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda, a uma comunidade” (MAFFESOLI, 2010, p. 140).

Essa ligação do indivíduo a várias redes culturais, também ocorreram com o surgimento do *rock* em 1940 nos Estados Unidos, com as canções de trabalho e gritos campais dos negros americanos, que trabalhavam nos campos de algodão. Eles clamavam por liberdade e utilizaram a música como instrumento de protesto, tanto no contexto secular, quanto no religioso. De acordo com Baggio os negros “deram desenvolvimento ao *blues* (tristeza) como música secular e ao *gospel* (evangelho) como música sacra” (BAGGIO, 1997, p. 43). Para Calvani (1998, p. 211), o nascimento do *rock* ocorre com a evolução dos negros *spirituals* e do *blues* e sempre esteve associado a rebeldia e contestação.

Para Brandini (2004, p. 7-8), os termos “*rock’n’roll*” e “juventude”, surgiram a partir de 1950, como um símbolo da geração pós-Segunda Guerra. Essa geração também conhecida como “*baby boom*” estabeleceu as bases para o movimento contracultural. Ainda de acordo com Brandini, o *rock’n’roll* foi instrumento de manifestação da indignação e ruptura com a sociedade estabelecida àquela época.

*Além de marcar a emergência de culturas juvenis de consumo, esse gênero promoveu o multiculturalismo ao integrar estilos como o rhythm and blues e o country norte-americano, representando a ruptura com barreiras étnicas, sociais e políticas* (BRANDINI, 2004, p. 7-8)

O *rock* em seu nascimento foi utilizado como instrumento de libertação pelos negros. Posteriormente, os jovens também utilizaram a música *rock* para denunciar a política separatista e a segregação racial, que era legitimada e aceita por vários segmentos da sociedade norte americana. Esses jovens não aceitavam mais aquele modelo de sociedade injusto e opressor, bem como, a falta de perspectiva e a revolta crescente foram o combustível para formação dos movimentos contraculturais, em contraposição à cultura oficial de massa, planejada pela elite com fins lucrativos de dominação e poder.

O movimento *hippie* também se apropriou da música *rock* como instrumento de protesto. De acordo com Brandini (2004, p. 8), os *hippies* surgiram em 1960 e pregavam o *slogan* “*Peace and Love*” (Paz e amor). Esse movimento tomou grande proporção com a Guerra dos Estados Unidos com o Vietnã que ocorreu entre 1964 e 1975. Os *hippies* eram contrários a guerra, ao armamento bélico, aos conflitos sociais e qualquer tipo de repressão violenta. Esses jovens *hippies* contestavam e estavam inconformados, pois ouviam um discurso moral para conduta com a vida e o próximo, entretanto, a prática de quem vinha esse discurso era imoral. Até mesmo a igreja, como possível portadora de respostas aos anseios humanos e suas crises existenciais, também havia se calado, e, em muitos casos, se aliado aos poderes estabelecidos, deixando de exercer seu papel transformador da sociedade e do mundo.

Em 1970, surge outro movimento social ligado a música *rock*. Agora é a vez dos *punks*. Na visão de Brandini (2004, p. 8), após o descontentamento dos *hippies* com toda a estrutura social, surgem os *punks* com a música *Punk Rock* e com o ideal “*No Future*” (Sem Futuro), com o discurso niilista, não acreditando em nada mais. Tudo isso ocorrendo com o Pós Vietnã. Nessa mesma época, surgem bandas de *rock* muito pesadas para a época como *Black Sabbath*, *Deep Purple*, *Led Zeppelin* e *Judas Priest*.

Para Brandini (2004, p. 8), na década de 1980, os estilos que fervilhavam para os jovens como o *Hard Rock*, *Heavy Metal* e o *Pós Punk*, apontavam para um caminho e apelo pela explosão de sensualidade. Nessa década, iniciavam-se as “Tribos Urbanas” ou “tribalizações” dos movimentos juvenis. No final dos anos 80, nascem outros estilos derivados do *heavy metal*, mais rápido e pesado, entre eles, o *Thrash Metal* (Metal Sujo), este estilo combinava *Heavy Metal* com mais velocidade e como exemplo podemos citar a banda *Metallica*. Nessa década surgiram também o *Black Metal* (Metal Negro) e *Death Metal* (Metal Morte), como vertentes do *Heavy Metal*.

Brandini (2004, p. 8) vê que, em 1990, surgiram fusões de estilos e nasceu o *Crossover*<sup>8</sup>. Com esse campo fértil para a mistura nasce o “*rock alternativo*”, sem nenhuma pretensão de mudar o mundo, os *Grunges* (sujeira, imundície) usavam o *slogan* “*I don’t care*” (eu não me importo). Ainda segundo Brandini (2004, p. 12), esse *rock alternativo* representou não só uma “ruptura” dos “padrões “sonoros e comportamentais”, mas um espaço para experimentação musical e também uma alternativa para o mercado fonográfico.

Na década de 90, estilos musicais derivados do *rock* que nasceram na década anterior, se consolidaram ainda mais entre os jovens, como o *Death Metal* (Metal Morte) e o *Black Metal* (Metal Negro). No Brasil, na mesma época, como movimento contracultural, em Recife, nasce o *Manguebeat* (batida do mangue), genuinamente nordestino, que mistura o ritmo maracatu ao *hip hop*, *funk*, *rock* e música eletrônica. As bandas *Chico Science* e *Nação Zumbi* na visão de Brandini (2004, p. 35), foram as precursoras do movimento alternativo *Manguebeat*. Este movimento foi contemporâneo ao *Grunge*, que ocorria em Seattle, nos Estados Unidos.

A possibilidade de fusão de ritmos, de ideias, e a efervescência que ocorreu a partir dos anos 90, demonstram que a cultura alternativa, acabou por quebrar o radicalismo que havia entre os jovens envolvidos na cena *underground* com o *rock*. O movimento alternativo, abriu também possibilidades para a construção cultural mais ampla e dinâmica, o que deu mais força para as igrejas que se apropriam de elementos culturais como o *rock* em suas práticas religiosas junto às tribos urbanas.

De acordo com Pais (2004, p. 12), o próprio termo “tribo” já carrega em si a ideia de atrito, resistência e oposição:

*Com efeito, tribo é um elemento de composição de palavras que exprime a ideia de atrito (do grego tribé), isto é, a resistência de corpos que se opõem quando se confrontam. Esta dimensão de resistência grupal, substantivamente ligada à ideia de atrito, encontra-se presente no fenômeno das tribos urbanas.*

Fizemos o percurso com o nascimento do *rock*, desde 1950 até 1990 e chegamos aos dias atuais. Nessa trajetória, observamos que os grupos juvenis e as tribos urbanas atuais, utilizaram o *rock* como instrumento de protesto e contestação. Do mesmo modo que os jovens das tribos urbanas *headbangers* utilizam o *rock*, como elemento cultural para uma prática religiosa contextualizada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que os *headbangers* criam com a música *rock* sua própria estética, ideologia e postura diante do mundo. Essa criação, sinaliza para o atrito e oposição com a cultura de massas. A começar pelo fato de utilizarem uma linguagem diferenciada no grupo e na produção musical, com os vocais executados de forma gutural e uma sonoridade rápida, agressiva e muito ruidosa na execução das músicas. A forma de se vestir com roupas extravagantes, pode também demonstrar esse atrito e oposição com o que é convencionalmente definido pela cultura de massas. “A confiança que se estabelece entre os membros do grupo se exprime por meio de rituais, de signos de reconhecimento específicos, que não têm outro fim senão o de fortalecer o pequeno grupo contra o grande grupo” (MAFFESOLI, 2010, p. 159).

Diante da oposição ao padrão cultural imposto pela cultura de massas é que os jovens criam a sociabilidade nas tribos urbanas, com o sentimento de pertencimento, o convívio e o sentimento de estar-juntos. Nesse aspecto, as tribos unem os jovens que têm as mesmas sensações, emoções, interesses e ideais. “Se os indivíduos que integram algumas tribos urbanas se distanciam de determinados padrões sociais, não é propriamente com o objectivo de se isolarem de tudo o que os rodeia, mas para se reencontrarem com grupos de referência mais próximos dos seus ideais” (PAIS, 2004, p. 17). Observamos que a Comunidade Caverna de Adulão, utilizou elementos culturais como o *rock* em suas práticas religiosas. Mesmo que tais práticas parecessem contrárias à grande maioria das igrejas evangélicas tradicionais, as práticas da tribo urbana *headbanger* com o *rock* e a religião teve o poder de unir os contrários.

No percurso da pesquisa que fizemos na Comunidade Caverna de Adulão, entre os que estão a mais tempo ou desde o início na comunidade, percebemos que alguns acham que o elemento *rock* ainda está visível ali, no entanto a grande maioria vê que atualmente é impossível que isso ocorra. Dado a localização da comunidade em bairro residencial na região centro/sul de Belo Horizonte, falta de tratamento acústico do local onde ocorrem os cultos, e mesmo por não ter a mesma composição inicial da comunidade, que era de jovens, solteiros, estudantes e muitos não trabalhavam. Hoje para eles outros elementos entraram no lugar da música *rock*, como forma de atuação e evangelização, como os projetos sociais<sup>9</sup> que são desenvolvidos pelos membros e pastores da comunidade.

Portanto, o que percebemos nas práticas religiosas da Comunidade Caverna de Adulão e também na espiritualidade alternativa desenvolvida pelos jovens ali, é que no princípio da comunidade, o *rock* foi utilizado como o elemento socializador principal nas práticas religiosas, no qual ocorreu uma abertura dos pastores, para a aceitação e apropriação de elementos culturais juvenis dos roqueiros que estavam nas tribos urbanas *headbangers*. Essa aceitação, não foi apenas com a utilização do *rock* nos cultos, mas ocorreu principalmente, com o incentivo dos pastores para que os jovens criassem bandas de *rock* pesado. Isso fomentou no princípio da Caverna, a composição de mais de 20 bandas de *rock* nos mais variados estilos, que serviam a comunidade e outras igrejas espalhadas pelo Brasil e também no exterior.

## CAVE COMMUNITY OF ADULLAM: ROCK AS A SOCIALIZING FACTOR

**Abstract:** *this article presents the Cave Community of Adullam in which new religious practices and alternative spiritualities are possible in postmodernity. Rock was the main socializing element in the genesis of the community, this was used by the urban tribes headbangers in the secular milieu as a youth artistic production and obtained a new reading in the religious scope when being used by the shepherds and young people of the community. The methodology for this work is constituted by analysis of the bibliographical reference of the work of Michel Maffesoli in dialogue with other theorists. This theorist*

*allowed us to understand how relationships occur in the most diverse areas with the feeling of belonging, being together, sharing the same emotions and tastes, and also by elective sociability.*

**Keywords:** *Rock Music. Religious Practices. Youth. Alternative Spiritualities. Religion and Culture.*

#### Notas

- 1 Este artigo sobre a Comunidade Caverna de Adulão está ligado à pesquisa de Mestrado em Ciências da Religião do PPGCR (PUC Minas), com o tema: “O Fenômeno Religioso entre os Jovens nas Tribos Urbanas: uma análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão - Belo Horizonte/MG”, orientada pelo prof. Dr. Flávio Senra Ribeiro.
- 2 O termo *headbanger* é utilizado pelos fãs da cultura *heavy metal*, bem como de suas posteriores variações e subgêneros musicais. Ele surgiu por volta de 1970, na Inglaterra, e imigrou para os Estados Unidos. A banda inglesa *Black Sabbath* foi a precursora do estilo *heavy metal* e da incorporação nos *shows* da agressividade estética *headbanger*. A expressão tribo urbana *headbanger* é dada aos jovens que interagem em pequenos grupos ou tribos nos centros urbanos. Para esta tribo, a socialização gira em torno da sonorização com o *rock* pesado, na produção e no consumo dessa música entre os jovens. Estes também consomem uma variedade de roupas, calçados e acessórios, que em muitas vezes são definidos pelos membros da própria tribo. Durante os *shows*, estes jovens, dançam em círculo com o *mosh*, o que lembra as tribos indígenas em suas danças. No *mosh*, os jovens fazem a roda para dançar e dão socos e ponta pés ao ar. Também batem a cabeça, que é o significado literal para *headbanger*, com o movimento para cima e para baixo, jogando os cabelos ao ar, como o movimento violento da cabeça no ritmo da música. *Headbanger* tem o significado para os membros da tribo urbana dos roqueiros, como bater a cabeça, jogar os cabelos ao ar; estrondo de cabeça.
- 3 As pesquisas e o interesse junto às tribos urbanas e, particularmente sobre o *rock* começam no final da década de 1980 e início dos anos 90. Nesta época iniciei minha participação mais ativamente, como baterista de uma banda de *rock* pesado, no estilo *Death Metal*, no cenário alternativo e *underground* secular e nos anos 2000, a mesma banda começa a atuar no cenário alternativo e *underground* cristão. Essa trajetória pode ser observada nas obras por nós produzidas. Ver Rodrigues, nas Referências deste artigo.
- 4 A Teologia da Cultura se estabelece na quebra da rigidez institucional, do fundamentalismo e da intolerância religiosa. Esse extremismo religioso fecha qualquer possibilidade de diálogo entre a religião e a cultura, pois possibilita o fechamento do grupo que detêm o exclusivismo religioso, marcas que são indesejáveis para a humanidade, e geram guerras, fomes e fanatismos que se fazem notar de forma cada vez mais crescente na contemporaneidade. A religião cristã tornou-se durante séculos a grande aliada de tais visões, principalmente, quando ela passou a ser compreendida a partir de uma cultura. Essa visão exclusivista limitava a liberdade do Espírito Divino em todas as culturas criadas, porquanto, só se atingia o incondicionado (Deus) a partir de uma cultura privilegiada. O teólogo Paul Tillich desenvolve a sua teologia a partir da concepção de que o incondicionado não está preso a uma determinada cultura, mas ele é o fundamento de todas as expressões cultu-



rais existentes, isto é, ele está atuando mesmo dentro de uma cultura secular. O valor da Teologia da Cultura está na descentralização do incondicionado e a sua inserção dentro de qualquer tipo de expressão cultural. No ápice dessa visão, Paul Tillich e H. Richard Niebuhr alcançam uma diferença fundamental entre a Teologia da Igreja e a Teologia da Cultura. A primeira, é por sua natureza, conservadora, limitada e frágil. Ela sempre vai lutar por seus interesses. Por isso, a preservação de dogmas e de tradições é fundamental para a continuidade da estrutura vigente. Desse modo, a Teologia da Igreja será fechada e pouco aberta para as novas expressões culturais. A segunda, se encontra mais livre, porquanto está ligada ao movimento vivo da cultura, lugar onde os seres humanos se movem de forma mais ampla. Com efeito, estará aberta à diversidade e de expressões culturais que surgem com a história contínua dos humanos.

- 5 Como termo sociológico, o alternativo se estabelece com a sucessão de duas coisas reciprocamente exclusivas, opção entre duas formas de relacionar dentro de um grupo social ou da sociedade. A cena alternativa com os jovens roqueiros começa a partir de 1990, esse movimento juvenil abre a possibilidade entre uma ou outra alternativa nas fusões da música *rock* com outros estilos musicais, o que antes não era aceito dentro dos movimentos juvenis pelo radicalismo de seus membros. Neste contexto, o *underground* trata-se de cultura que não é divulgada pelos meios de comunicação de massas, subterrânea, clandestina ou oculta diante de um grupo social ou de toda uma sociedade.
- 6 Maffesoli (2010, p. 07) tem “mostrado que se podia caracterizar a pós-modernidade pelo retorno exacerbado do arcaísmo.” Ainda de acordo com Maffesoli, o arcaísmo causa um certo incomodo aos observadores sociais, que buscam um progresso linear e seguro, ao passo que o arcaísmo é um regresso que para ele caracteriza: *O Tempo das Tribos*. Esse regresso é um retorno em espiral de valores arcaicos unidos ao desenvolvimento tecnológico.
- 7 A contracultura parte do princípio da rejeição e do questionamento dos valores e práticas da cultura dominante da qual fazem parte.
- 8 *Crossover* é algo que se mistura, possibilidade de junção entre dois ou mais estilos musicais.
- 9 Ainda relacionado ao *rock*, notamos que com sua substituição, outros elementos ocuparam seu lugar, tais como os projetos sociais desenvolvidos pela Caverna e seus membros como o Projeto Reconstruir, o Projeto Lamalma e o Projeto Cupim Sagrado, entre outras formas de socialização dos membros.

## REFERÊNCIAS

BAGGIO, Sandro. *Revolução na música gospel: um avivamento musical em nossos dias*. São Paulo: Exodus, 1997.

BÍBLIA Sagrada Revista e Corrigida. São Paulo: SBB, 2013.

BRANDINI, Valéria. *Cenários do Rock: mercado, produção e tendências no Brasil*. São Paulo: Olho D'água, 2004.

CALVANI, Carlos Eduardo B. *Teologia e MPB*. São Paulo: Loyola, 1998.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2011.

- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2010.
- NIEBUHR, H. Richard. *Cristo e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004.
- RODRIGUES, Flávio Lages. O rock como possibilidade para uma espiritualidade não-religiosa. *Caminhos*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 173-192, 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/issue/view/315>. Acesso em: 22 jul. 2019.
- RODRIGUES, Flávio Lages. Deus na Música Rock: uma visão ecológica dos grupos headbanger's e outros grupos juvenis na Comunidade Caverna de Adulão. In: PENNA, Heloísa Maria Moraes Moreira; AVELLAR, Júlia Batista Castilho de; CARVALHO, Rodrigo Ladeira (orgs.). *Deus(es) na literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2018a. p. 203-215.
- RODRIGUES, Flávio Lages. O fenômeno religioso entre os jovens nas tribos urbanas: uma análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão - Belo Horizonte/MG. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018b.
- RODRIGUES, Flávio Lages. *Os desafios para a igreja pregar o Evangelho na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: MK, 2018c.
- RODRIGUES, Flávio Lages. Igrejas e Comunidades Underground's: novos modelos eclesiais? *Plura*, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 185-205, 2017. Disponível em: [http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1468/pdf\\_221](http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1468/pdf_221). Acesso em: 07 abr. 2019.
- RODRIGUES, Flávio Lages. *A Liberdade do Espírito na vida e no rock*. Rio de Janeiro: MK, 2007.
- RODRIGUES, Flávio Lages. *O rock na evangelização*. Rio de Janeiro: MK, 2006.
- RODRIGUES, Flávio Lages. *O rock como estratégia de evangelização*. 2005. Monografia (Bacharel em Teologia) – Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte, 2005.
- RODRIGUES, Flávio Lages. Percurso Histórico da Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte: novos modelos eclesiais? *Expedições*, Morrinhos, v. 9, n. 3, p. 71-90, 2018d. Disponível em: [https://www.revista.ueg.br/index.php/revista\\_geth/article/view/7660](https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/7660). Acesso em: 22 jul. 2019.
- SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. *Pós-Modernidade: novos desafios à Fé Cristã*. São Paulo: ABU, 1999.
- TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.